

**Sete poemas de Fiódor Sologúb**

Seven Poems of Fiódor Sologúb

Autoria: Filipe de Brito

 <https://orcid.org/0000-0003-0654-946X>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.178622>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/178622>

Recebido em: 27/11/2020. Aprovado em: 06/12/2020.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**


São Paulo, ano 9, n. 17, jul.-dez. 2020.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

---

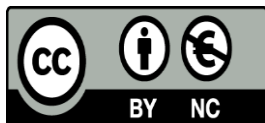
**Como citar (ABNT)**

BRITO, Filipe de. Sete poemas de Fiódor Sologúb. *Opiniões*, São Paulo, ano 9, n. 17, p. 677-686, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.178622>.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/178622>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não comerciais.

---

# sete poemas de fiódór sologúb

Seven Poems of Fiódor Sologúb

**Filipe de Brito<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.178622>.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras-Português/Russo e licenciado em Letras-Português pela Universidade de São Paulo. Passou a integrar o Programa de Pós Graduação em Língua Estrangeira e Tradução (LETRA) com pesquisa de mestrado sobre a obra do poeta russo Joseph Brodsky. E-mail: [filipe.brt4@gmail.com](mailto:filipe.brt4@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0654-946X>.

Fiódor Sologúb (1863-1927), poeta, prosador e dramaturgo nascido na Petersburgo imperial, foi um dos principais expoentes do movimento simbolista na Rússia. Para além de configurar-se como uma escola estética contrária à proposta naturalista e ao positivismo que se propagava na cena europeia (e na Rússia), o Simbolismo Russo “emprestou” as novidades da *arte pela arte*, do símbolo e das essências, e as potencializou em abordagens filosóficas e religiosas.

Com a obra de Sologúb não foi diferente. Inspirado no pessimismo de Schopenhauer de um lado, no resgate aos mitos clássicos e bíblicos de outro, sem, todavia, negligenciar as tradições folclóricas e da literatura russa, o simbolista – frequentemente alcunhado “decadentista” – evoca, tanto na lírica, quanto na prosa, imagens místicas e ambivalentes. Não são raras as relações entre revelação e escuridão, clarividência e morte, liberdade e cativo. Para o autor, tanto o mundo, quanto o homem, são duais e sofreram uma separação de suas unidades primeiras; existiria uma realidade secreta que habita os sonhos, nela a natureza humana é casta e bela; a outra realidade, mundana, é feita do trivial, do vulgar, aparece como o espaço onde aprisionam-se e padecem os homens. Saída para o cárcere não há.

Sologúb, entretanto, sugere, na poesia, a possibilidade de vislumbre do belo. Neste sentido, sua escrita, e especialmente sua lírica, é estruturada a partir da ideia de encantamento ou feitiço. O esquema de rimas quase sempre cruzadas, o ritmo cadenciado hipnótico e as inúmeras aliteraões ao longo das estrofes ecoam sons e sentidos noturnos e obscuros, os quais constroem “poemas-atmosfera”. Fiódor Sologúb foi, sem dúvida, um dos mais expressivos e peculiares escritores que a virada do século 19 produziu na *Era da Prata*, período artístico e cultural da Rússia que antecede aos anos da Revolução de Outubro.

Os sete poemas escolhidos para comporem esta pequena coletânea são inéditos em língua portuguesa. Os originais, publicados inicialmente entre os anos de 1896 e 1908 nos livros *Versos: Livro Primeiro e Círculo Flamejante*, encontram-se também na *Poesia reunida em 8 tomos de Fiódor Sologúb* (São Petersburgo: Nav’i Tchary, 2002) e disponíveis no site [fsologub.ru](http://fsologub.ru).

Em relação à tradução poética, embora o expediente da métrica russa (em pés poéticos) difira daquele usado comumente em língua portuguesa (silábico), tentou-se ao máximo preservar a cadência e a regularidade rítmica dos versos, bem como as rimas, aliteraões e assonâncias, uma vez que o poema como “unidade de encantamento sonoro” caracteriza a lírica deste autor.

## СУДЬБА

Родился сын у бедняка.  
В избу вошла старуха злая.  
Тряслась костлявая рука,  
Седые космы разбирая.

За повитухиной спиной  
Старуха к мальчику тянулась,  
И вдруг уродливой рукой  
Слегка щеки его коснулась.

Шепча невнятные слова,  
Она ушла, стуча клюкою.  
Никто не понял колдовства.  
Прошли года своей чредою, —

Сбылось веленье тайных слов:  
На свете встретил он печали,  
А счастье, радость и любовь  
От знака тёмного бежали.

## SINA

Nasceu d'um pobre camponês uma criança.  
Adentra em fúria a humilde isbá uma bruxa.  
O braço magro em pele e osso ela balança,  
A trança gris e desgrenhada ela repuxa.

Às escondidas da parteira estende o braço,  
Acheга, enfim ao leito do recém-nascido,  
Os dedos magros e disformes e em laço  
Afangam leves o menino ao pé do ouvido.

Palavras confusas ela balbucia,  
Sussurra, estaca o bastão e vai embora.  
Ninguém compreende, da velha, a magia.  
Passam-se os meses, os anos afora –

O verbo secreto tornou-se ordenança:  
No mundo, na vida, só viu amargura.  
Amor, regozijo, bem-aventurança,  
Fugiram da marca maldita e escura.

*15 de dezembro de 1889*

Я слагал эти мерные звуки,  
Чтобы голод души заглушить,  
Чтоб сердечные вечные муки,  
В серебристых струях утопить,

Чтоб звучал, как напев соловьиный,  
Твой чарующий голос, мечта,  
Чтоб, спалённые долгой кручиной,  
Улыбнулись хоть песней уста.

Eu compus estes versos sonoros  
Para suprir a inóxia da alma,  
Para afogar as tormentas eternas,  
Submergi-las em rios de prata,

Para soar como doce elegia  
D'um rouxinol a voz do meu sonho,  
Para que o lábio, em espasmo de fogo,  
Cante, padeça, e ainda sorria.

*2 de julho de 1893*

Какой-то хитрый чародей  
Разъединил моё сознание  
С природою моею, —  
И в этом всё моё страдание.

Но если дремлет он порой,  
И колдовство оставит, —  
Уже природа не лукавит,  
Не забавляется со мной.

Послушна и правдива,  
Она приблизится ко мне.  
В её бездонной глубине  
Я вижу девственные дива.

Um feiticeiro ardiloso  
Separou meu pensamento  
Da minha natureza –  
Eis, então, meu sofrimento.

Mas se dormita um instante,  
E abandona a bruxaria –  
Já não me olha, arrogante,  
Não me apronta zombaria.

Obediente e adorável,  
A natureza não se esquiva.  
E em sua profundez insondável  
Vem, e vejo casta diva.

*20 de outubro de 1896*

Я — бог таинственного мира,  
Весь мир в одних моих мечтах.

Eu sou o deus de um mundo oculto,  
O mundo habita os sonhos meus.

Не сотворю себе кумира  
Ни на земле, ни в небесах.

Não concebo ídolo ou culto,  
Não na terra, não nos céus.

Моей божественной природы  
Я не открою никому.

Da natureza da minha divindade  
Nunca, ninguém, verá revelação.

Тружусь, как раб, а для свободы  
Зову я ночь, покой и тьму.

Meu labor é escravo, e encontro liberdade  
No clamor da noite, da quietude, da escuridão.

*28 de outubro de 1896*

Забыты вино и веселье,  
Оставлены латы и меч, —  
Один он идёт в подземелье,  
Лампады не хочет зажечь.

И дверь заскрипела протяжно, —  
В неё не входили давно.  
За дверью и тёмно, и влажно,  
Высоко и узко окно.

Глаза привыкают во мраке, —  
И вот выступают сквозь мглу  
Какие-то странные знаки  
На сводах, стенах и полу.

Он долго глядит на сплетенье  
Непонятых знаков, и ждёт,  
Что взорам его просветленье  
Всезрящая смерть принесёт.

Olvidados o gozo e o vinho,  
Sem o gládio e sem a armadura,  
Desce ao cárcere o homem sozinho,  
Sem candeia, à via escura.

A porta há muito não se abria –  
Range sinistra e demorada.  
Além, no breu que se rompia,  
Estreita fresta e elevada.

A vista acomoda-se à penumbra –  
Surge, então, estranha nébula,  
Estranhos signos ele vislumbra,  
Nas paredes, no piso, na abóbada.

Examina, atento, o enlace  
De signos incógnitos e aguarda,  
Da morte, clarividência e a face  
Que tudo traz e tudo guarda.

*8 de setembro de 1897*



Змий, царящий над вселенною,  
Весь в огне, безумно злой,  
Я хвалю тебя смиренною,  
Дерзновенною хулой.

Из болотной топкой сырости  
Повелел, губитель, ты  
Деревам и травам вырасти,  
Вывел листья и цветы.

И ползущих и летающих  
Ты воззвал на краткий срок.  
Сознающих и желающих  
Тяжкой жизни ты обрѣк.

Тучи зыблешь ты летучие,  
Ветры гонишь вдоль земли,  
Чтоб твои лобзанья жгучие  
Раньше срока не сожгли.

Неотменны повеления,  
Нет пощады у тебя.  
Ты царишь, презрев моления,  
Не любя и все губя.

Serpente que reina o universo,  
Em chamas, cingida de fúria,  
Te louvo e concebo este verso  
De audácia, modéstia e injúria.

As águas, os charcos lodosos  
Tremeram ao teu extermínio,  
Brotaram-se frutos frondosos,  
E flores em todo o domínio.

Os que voam, os que rastejam,  
Recolhes de volta depressa.  
Os que discernem, os que desejam,  
Condenas à dor que não cessa.

Balouças as nuvens nas asas,  
Impeles os ventos na terra,  
Teu beijo consome-te em brasas  
Enquanto o teu fogo te encerra.

A lei no teu reino é imutável,  
Clemência, mercê não acatas  
Desdenhas a prece adorável,  
Não amas, blasfemas e matas.

*18 de julho de 1902*

Мы — пленённые звери,  
Голосим, как умеем.  
Глухо заперты двери,  
Мы открыть их не смеем.

Somos feras enjauladas.  
Ulular é o que sabemos.  
As portas foram trancadas.  
Abri-las não atrevemos.

Если сердце преданиям верно,  
Утешаясь лаем, мы лаем.  
Что в зверинце зловонно и скверно,  
Мы забыли давно, мы не знаем.

Se o coração é leal à tradição,  
Se conforta-se latindo, latimos.  
Que o cativeiro é malcheiroso e repulsão  
Não lembramos, já há muito não sentimos.

К повторениям сердце привычно, —  
Однозвучно и скучно кукуем.  
Всё в зверинце безлично, обычно.  
Мы о воле давно не тоскуем.

Repetir, ao coração, é costumeiro —  
Se uivamos, é enfado, monotonia.  
Tudo é trivial, é usual no cativeiro.  
Liberdade não é ânsia ou nostalgia

Мы — пленённые звери,  
Голосим, как умеем.  
Глухо заперты двери,  
Мы открыть их не смеем.

Somos feras enjauladas.  
Ulular é o que sabemos.  
As portas foram trancadas.  
Abri-las não atrevemos.

*24 de fevereiro de 1905, aproximadamente*